

Stadium

N.º 168 — 20 de Fevereiro de 1946 — Esc. 2\$00

R. A. F. contra EXÉRCITO PORTUGUÊS

Williams, guarda-redes inglês, conseguiu livrar-se do acesso de Mário Coelho. Scott está atento. Jogada de movimento e de beleza!





Caça, Pesca, Tiro a chumbo, Utilidades artigos de desporto

Sarasqueta:

A mais imitada espingarda de caça. Interessantes modelos por preços económicos

Star:

A pistola de absoluta confiança. 8 tiros. Cromadas e oxidadas.

Artigos de Pesca:

Grande variedade de canas nacionais e estrangeiras. Carretos, anzóis, linhas, amostras, etc.

Artigos de Desporto e Campismo:

Bolas para futebol, ténis e caneleiras, joalheiras de proveniência estrangeira, a preços vantajosos.

Mochilas com e sem armação, modelo inédito tipo norueguês. Barracas de todas as qualidades e dimensões, e demais materiais para campismo.

A. M. SILVA

Rua da Betesga, 67—LISBOA

TELEFONE 2 5424

Peça o n.º catálogo grátis



BICICLETAS

NOVOS MODELOS

Preços Sensacionais

Peçam novas tabelas

ARMANDO CRESPO

Rua do Crucifixo, 118-124—LISBOA—Tel. 2 7027

CASA DESPORTO

Os melhores artigos para

Futebol, Basket-ball, Box, Patinagem, Ténis de mesa, Hand-ball, Volley-ball, Rugby, Ténis, Hockey, Ginástica, etc. Malas de mão e de senhora, Lancheiras, Colegiais, etc.

Emblemas bordados e galhardetes

TAÇAS para provas desportivas, em todos os tamanhos

TODOS OS JOGOS. Consultem sempre a nossa casa

Rua da Madalena, 196—Tel. 2 9728—LISBOA



EXCLUSIVO da
CASA DESPORTO



TUDO PARA AUTOMÓVEIS

Pneus—Câmaras

Batarias—Espanjas

Camuças—Ferramentas

Remendos a Fogo

Lâmpadas para automóveis—Óleos

Massas consistentes—Valvulinas

ACEITAMOS:

BATARIAS para reconstruir e PNEUS para recauchutar

38 e 40, RUA DO SACO

AO CAMPO DE SANTANA

TELEFONE 4 1579

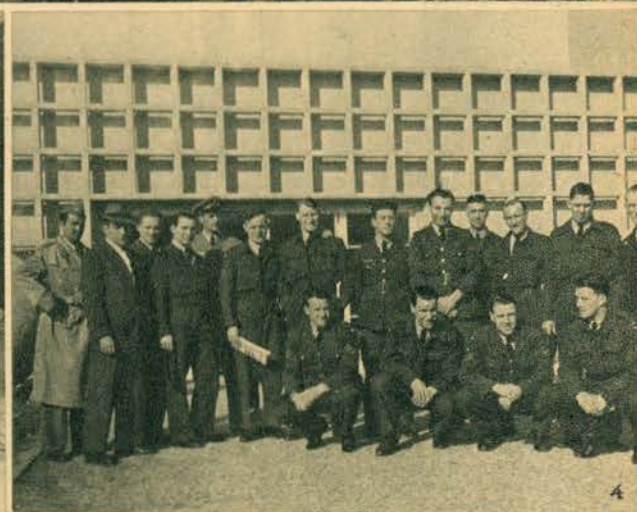
Não é jogador seguro, o que não está seguro na IMPÉRIO



COMPANHIA DE SEGUROS

Rua Garrett, 56 — LISBOA

IMPÉRIO



Em **BASQUETE**BOL, PORTO *vence* por 50-47



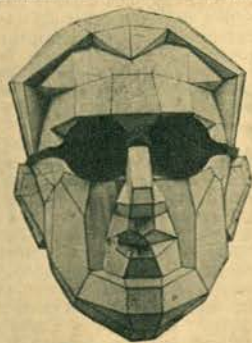
- 1 — Os dois grupos, aguardam a chegada do Chefe do Estado. Na cabeça de cada um — o bivaque da sua unidade
- 2 — Um aspecto do banquete oferecido aos dirigentes, no Hotel Império.
- 3 — Os seleccionados portugueses, dentro das suas fardas de militares. Ao centro vê-se o major Ribeiro dos Reis, seleccionador da equipa
- 4 — Os jogadores da R. A. F., reunidos, após o almoço no Espelho de Água

1 — A selecção de «basket» de Lisboa, que no sábado perdeu com o Porto, na capital
 2 — O grupo do Porto, brilhante vencedor dos lisboetas

ARTIGOS
 DE SPORT
 E JOGOS

SPRIL

Rua do Loreto
 34-2.º — LISBOA
 Telefone 22797



**GIL
 OCULISTA**
 FUNDADA EM 1868
 Depositária das lentes "ZEISS"
 Binóculos, Termómetros
 Bússolas de marcha, etc.
 Aparelhos de Precisão
 136, RUA DA PRATA, 140
 Telefone 22829 LISBOA

A ALMA DA MULTIDÃO

DE ARTUR PORTELA

A montanha mágica está coberta de sol e, nos seus flancos, longamente entrebertos, a multidão corre como lava ardente, incendiada.

O nome, o local geográfico, a função espectacular pouco importam.

O que transcende tudo é a visão desta massa enorme, confusa, onde não se distingue uma fisionomia, nem um gesto isolado. É um bloco humano, sem arestas, nem divisões, que bate em unísono como um só coração, e sente, intensamente, como uma só alma.

Sobre ele não fulgura apenas uma luz admirável, que é a primeira mensagem da Primavera, mas um colectivo de paixão, veemente e terrível, até mesmo monstruoso, e cuja força, que ninguém pode medir, tão grandiosa é, se polarizou num sentido exacerbado de visão insaciável e de terrível ansiedade.

Tudo ali é livre: o homem, o ar, o espaço, numa comunhão arrebatada, que não obedece a leis nem exige fronteiras.

Dir-se-ia que a vida renasce nestas competições desportivas, não apenas como um ideal de perfeição física, mas de aspiração espiritual e erguer-se para os azares, num gesto agora triunfante de Prometeu libertado.

A medida que o homem envelhece, sente a necessidade de se evadir das prisões das cidades tentaculares para os grandes cenários da natureza. Aproxima-se das águas, embrenha-se nas florestas, voga nos mares, ou desce os rios, como se quisesse reconstituir o sonho edénico do paraíso perdido.

Não voltou ainda à nudez gloriosa dos mármore de Fídias ou de Lisipo, mas admira o corredor que empunha o facho da Maratona, nas Olimpíadas, ou o jogador que ergue, nas suas mãos varonis, o esférico, como se o mundo que ele, porventura, simboliza, pudesse, pela sua vontade, desenhá-lo e mais longas trajectórias de beleza...

A multidão converte-se num gigante, e nós sentimos que a sua voz se desfigura, ganhando o poder e a eloquência dos elementos.

Ele tem um imperativo, que nem sempre é respeitado pelo Desilho. Não se ganha uma competição desportiva como se ganha uma batalha. Mas a de domingo, como os deuses sorrissem, teve, afinal, o desfecho que devia ter. Todos queriam aquilo mesmo — como se portugueses e ingleses, num autêntico *fair-play*, tivessem encontrado mais uma vez um justo equilíbrio às suas afinidades. Meia vitória para cada lado, para que, no fim do encontro, o aperto de mão pudesse ter o mesmo calor e a mesma sinceridade do princípio. É leve Saquer o vento

separou do mastro olímpico as duas bandeiras, que se beijavam, entre-laçavam, sem ser possível distinguir-lhes as cores.

Tudo aquilo foi feliz. Há domingos assim. Doirados, imaculados de beleza! A festa luminosa não estava, apenas, lá em cima, por onde costumam andar os aviões da R. A. F., mas cá em baixo, em todos os olhos que seguiram, nas noites trágicas da guerra, as suas órbitas de desespero e de glória.

Quase se diria que desceram ali

porto, abrindo novas perspectivas, e não se diga que o público não teve a mesma emoção, a mesma vibração de um Portugal-Espanha.

Mais de que isso: ergueu-se e apoteose. Em lances de assombro, quando se arebatava, os aplausos escorriam como Cataratas de águas volumosas e espumantes de todas as bancadas. A alegria convertia-se em fervor, em rugido, em alucinação! Das massas profundas, o que há de mais candente e empolgante no alma humana, estava com um

do qual, ainda na véspera, se garantia o resultado, mas que ali, no terreno, era, na sua extreme realidade física, uma incerteza constante de todos os momentos.

A vitória andava nos pés dos jogadores: naquela bola subtil e fantasista, que, voando ou razendo a terra, soube guardar até final o seu tentador e perturbante mistério.

Foi melhor assim: mais jogo, mais imprevisão. O público sentiu e sofreu, riu mesmo, e até chorou, vendo a sua fortuna rolar, caprichosa-



Um impressionante trecho do Estádio Nacional, que registou, no passado domingo, uma assistência de sessenta mil pessoas — a maior que se tem verificado no nosso país. A multidão encheu de lés a lés e deslumbrante instalação desportiva do Vale do Jamor, gozando um espectáculo único. Tudo interessou, dentro e fora do campo, desde que começou a viagem de ida até ao regresso. Um dia inolvidável no futebol português!

em pára-queadas, braços abertos como asas, vestidos da cor das nuvens e do céu para nos saudar. Os nossos estiveram como nunca, num esplêndido à vontade, e daí a beleza plástica do seu jogo, o brilhantismo artístico, diríamos, da sua exibição, que não visava, somente, obter um *score*, mas, com galanteria, receber bem, em campo aberto, como nos velhos torneios, os heróicos visitantes de armas iguais, corrigidas com tanta galhardia como nobreza.

O desafio desloca-nos da conhecida política peninsular do des-

relâmpago abrasador. Via-se aquela avalanche humana tremer, oscilar, deslocar-se, enchendo o anfiteatro monumental da sua paixão invencível, da sua grandiosa eloquência.

Mas, desta vez, o seu magnetismo não dominava os jogadores. Ao contrário dos *teams* francos, sem características próprias, aqueles é que subjugaram o monstro terrível, impondo-lhe uma tensão suprema. Era isto, talvez, que, inconscientemente, maravilhou a assistência. Naquele espectáculo — ele era, de facto, espectadora e não criadora. Obedecia, fascinada por um jogo,

mente, no lapele macio da relva, ignorando sempre quem a arrebataria.

Mais uma vez, como a história nos ensina, portugueses e ingleses obtiveram uma vitória comum.

Sempre aliados! Sempre irmãos de armas! Ora, se isto dura há séculos, porque não havia de suceder o mesmo no desafio? E até mesmo essa palavra é preciso corrigir. Não foi um desafio, foi um jogo — em que os «onze de Inglaterra», desta vez, foram eles, e não nós. Faltou-lhes *Magriço!* Foi também o que nos valeu!

Há resposta para tudo...

P. 295 — Pode garantir-me que todos os jogadores que vão jogar contra a R. A. F. são militares?

P. 296 — Diga-me, nessa hipótese, quanto aos que se indicam como efectivos, a que regimentos pertencem? (Um lisboeta, do Benfica, que gosta de ser esclarecido).

R. 295 — Todos foram militares. Melhor: são militares, nas classes disponíveis.

R. 296 — Azevedo, Engenharia 2 no Campo Grande; Cardoso, Engenharia 2 no Campo Grande; Feliciano, Artilharia Pesada 1, de Sacavém; Mateus, Artilharia 3 em Campolide; Francisco Ferreira, Artilharia Pesada 1 de Sacaném; Serafim, Artilharia Ligeira em Campolide; Mário Coelho, Batalhão Automobilista; Quaresma, Defesa Anti-Aérea de Lisboa; Peyrolo, Artilharia Contra Aeronaves em Cascais; Salvador, Engenharia 2 Batalhão de Transmissões; Rogério, Cavalaria 2 em Lisboa.

P. 297 — Não será melhor jogador Espírito Santo que Cabrita?

P. 298 — Não acha que Espírito Santo deveria ser chamado à Seleção Nacional? (De Um benfiquista elvense).

R. 297 — Tais comparações são sempre difíceis. Por exemplo, Espírito Santo, no lugar de ponta direita, é, evidentemente, melhor que o algarvio. No centro do terreno, talvez não...

R. 298 — E quem lhe diz que não seja ainda chamado... Tudo é possível!

P. 299 — Actualmente, qual é o melhor interior-direito português? (De Um sportingista açoriano).

R. 299 — Araújo, do Porto. (Já respondemos, em números anteriores, às outras perguntas).

P. 300 — Azevedo não será o mais velho de todos os jogadores que vão jogar contra a R. A. F.? (De Um leão, de Lisboa).

R. 300 — Tire isso da ideia...

P. 301 — Qual será o melhor grupo de futebol na presente época:

Olhanense ou Sporting? Olhanense ou Benfica? Não estarão equiparados os três grupos? (De Manuel Joaquim Estribio, de Elvas).

R. 301 — Os três grupos estão nivelados. Anote: leva vantagem para Benfica e Sporting. Até a classificação geral o indica.

P. 302 — Qual é melhor no lugar de médio-centro: Barrosa, do Sporting; ou Gomes, do Belenenses? (De Virgílio dos Reis Clemente, da Louriceira).

R. 302 — Barrosa é melhor. Ainda que não haja entre os dois jogadores grande diferença de classe.

P. 303 — O Portugal-Inglaterra disputar-se-á lá ou cá? (Um que gosta de saber tudo, de Anadia).

R. 303 — Não vá tão depressa. O jogo não está assente sequer!

MUNDO da BOLA

pele JORNALISTA desconhecido

NOTAS

sobre a 1.ª Divisão

A classificação geral separa nitidamente os concorrentes em dois grandes lotes: de um lado, cinco candidatos com probabilidades de conquistarem o título; do outro, sete participantes já sem esperanças — isto não quer dizer que estes concorrentes não exerçam grande influência no campeonato...

Os cinco pretendentes são os seguintes: Benfica e Sporting (15 pontos), Belenenses (14), Olhanense (13) e Atlético (12 pontos).

Pesando bem estas forças na balança, talvez se possa concluir que o Atlético, menos pelos três pontos de diferença do que por não ter fundo suficiente para competição tão larga, dura e importante, deverá ser riscado como o de menos possibilidades. Isto, evidentemente, no campo teórico.

Sabendo-se que os torneios se conquistam, ordinariamente, com os pontos adquiridos fora de casa, vejamos os ossos que restam para cada um dos quatro que disputam a glória.

Benfica — Este clube vai já no domingo a Guimarães, e depois tem como saídas mais difíceis as visitas a Setúbal, ao Porto e às Salésias.

Sporting — Apresentam-se para os leões, como maiores dificuldades, as deslocações às Salésias, a Setúbal, ao Campo Grande, e principalmente ao Olhão.

Belenenses — Saídas com dificuldades a Guimarães e ao Porto (duas vezes).

Olhanense — Recebe no seu campo o Sporting, mas em compensação visita o Boavista, Setúbal, Campo Grande e Salésias.

Parece, pelo quadro apresentado, que o Belenenses é aquele que tem horizonte mais desanuviado. Logo o Benfica, quase com as mesmas cores. O Sporting está mais carregado, e o futuro do Olhanense parece um pouco escurecido.

Neste panorama deve ter-se em conta que, nos encontros de Lisboa entre os grandes lisboetas, a influência do campo não se faz sentir tão fortemente, e o calendário deve ser visto à luz deste princípio. E cada um que tire a a conclusão que mais lhe agradar!

Os clubes da capital já estão acostumados a jogar uns contra os outros e a sentir o peso das massas associativas. De sorte que os piores jogos são aqueles que os clubes disputam longe do lar, e quanto mais afastado for o local — pior.

Uma anedota

No estágio, na Venda do Pinheiro, improvisaram-se reñhidos torneios de volei.

A gente do Sporting formou uma equipa verdadeiramente invencível. O terror do adversário!

Em certa altura teve, como inimigo, a equipa do Alverde, e Fernando Cabrita, antes de começar a grande pugna, desobajou:

— Vemos a ver se deste vez malamos o carneiro!

... E o carneiro ficou vivo!

CORRE QUE...

A lesão sofrida por Capela em Olhão, menos grave do que se supunha, permitirá que o excelente jogador já alinhe contra o Sporting, isto é, no começo da Segunda Volta.

♦ O repouso do passado domingo talvez tenha feito bem a todos os grupos. Aos que não deram jogadores para a seleção militar, melhor.

♦ Talvez venha a Lisboa brevemente um team inglês de clube profissional.

♦ Jesus Correia, que faz muita falta no onze leonino, não tem podido treinar regularmente.

♦ Já está mais ou menos esboçado o elenco que irá para a A. F. L.

♦ Quanto às eleições na Federação, ainda não há notícias positivas. Só depois de Lisboa ter novos dirigentes. Sabe-se, no entanto, que as Associações Distritais chegarão a acordo.

♦ Fala-se em alguns meios, com insistência, no nome do sr. dr. Octávio de Brito para presidente da Federação.

♦ Está definitivamente assente a realização do Portugal-Espanha ainda esta época, esclarecendo-se uma situação que começava a ser duvidosa.

♦ Também estão definitivamente marcados dois encontros internacionais com a França e a Irlanda. Ficaremos, deste modo, com magnífica época no campo das relações internacionais. Mas como estes desafios têm retribuição, teremos, no próximo ano, uma época internacional muito sobrecarregada.

Condições de assinatura

Custo por número, . . .	2\$00
3 meses, Esc.	26\$00
6 » »	52\$00
12 » »	104\$00

CONTA-GOTAS

O meio da bola andou muito agitado aqui há uns meses. Mas, a pouco e pouco, os ânimos tranquilizaram-se e a serenidade voltou aos espritos. Não se navega ainda em mar de rosas, mas a diferença é sensível!

Decididamente (tais comentários ouvimos!) os treinos das seleções devem realizar-se sem assistência. Porque muita gente desloca-se com o propósito de gozar o espectáculo à borla, pretendendo que os jogadores lutam uns contra os outros com o calor próprio da competição. Ora, os seleccionadores têm sempre em vista outros aspectos. Não é a luta — propriamente — que lhes interessa!

O jornal Sport Lisboa e Benfica passou por radical transformação, tanto em gosto como em orientação. Voltou a assumir o cargo de chefe de redacção o nosso distinto camarada Rebelo da Silveira. Tal significa orientação aprumada.

Quando se vê a tabela da classificação geral passa-se ordinariamente por cima de factos com muita importância. Por exemplo: ninguém repara que há vitórias, ou dois pontos, que valem mais do que outras. Está neste caso o triunfo arrancado pelo Benfica em Olhão. Eis uma pedra bem jogada no conjunto. Os títulos assentam — quantas vezes! — nestas pedras bem jogadas...

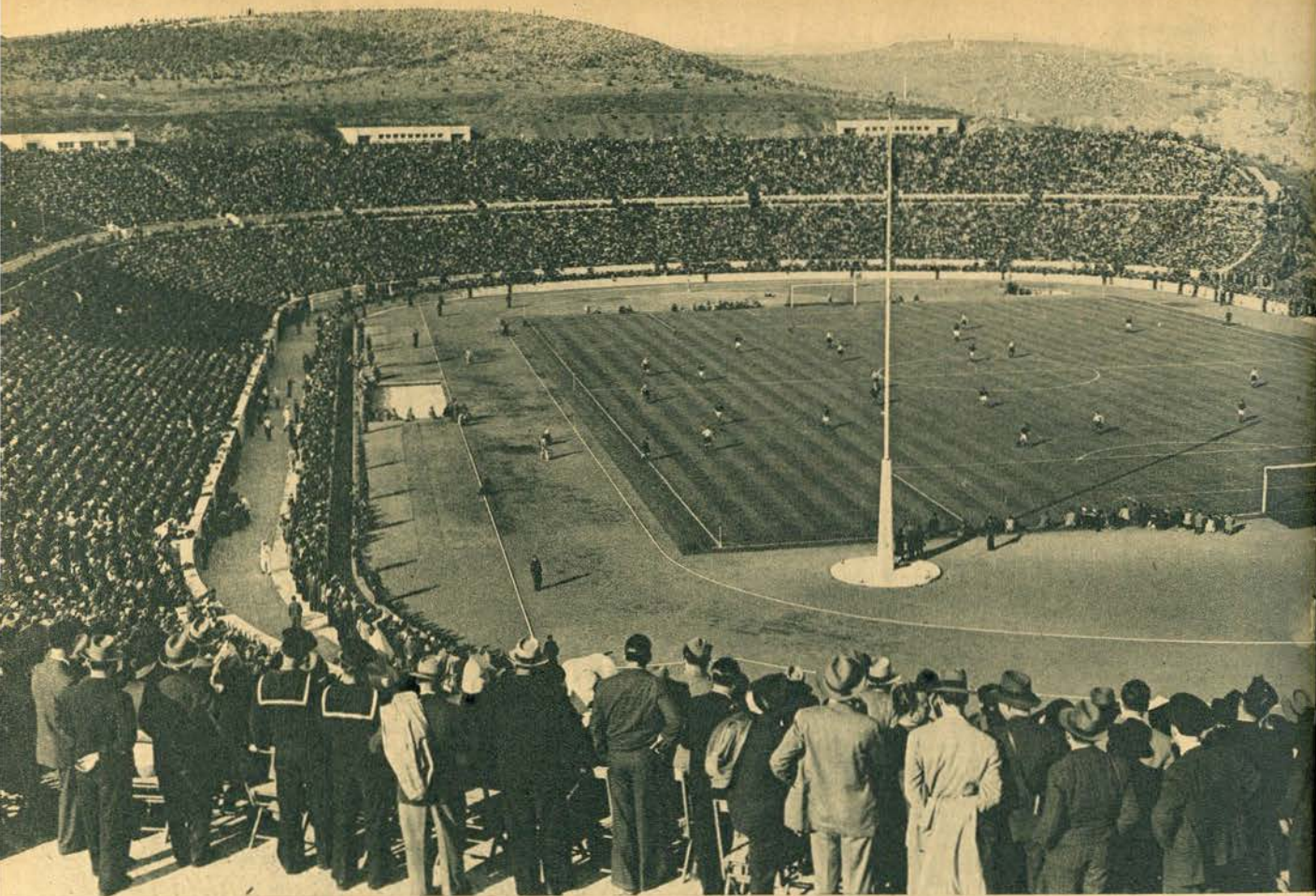
Capela teve um dos grandes desgostos da sua vida, não jogando contra a R. A. F. Dizem-lhe, consolando-o:

— Homem, ainda és novo... Mas éle não se conforma!

Por mais que se fale na falta de bilhetes, atribuindo-se o caso a defeitos ou falhas da organização, cada vez é mais claro que a lotação do Estádio é o mal verdadeiro que está na raiz de tudo.

Cada jogador de futebol tem o seu estilo e temperamento, e os homens não podem ser tratados da mesma forma. Isso verifica-se, mesmo, dentro dos clubes! O bom treinador trata uns mais seriamente do que outros, e outros mais paternalmente. Em especial, quando o treinador reconhece que um jogador precisa de ver-se amparado, por estar em más condições morais ou psicológicas.

Vimos os jogadores ingleses chegarem à Portela de Sacavém. São rapazes fortes, despreocupados e saudáveis. Como bagagem, traziam grandes sacos. Não se poderá afirmar que sejam exigentes...



Um aspecto parcial do Estádio também quando os grupos já se envolviam na luta que terminou com um empate bem conquistado



Um dos parques de estacionamento de automóveis, à hora do desafio



Os carros eléctricos, em fila, deixam o público em pleno vale do Jamor



Desde cambões de 7 em 7 minutos. Foram e voltam sempre cheios



Tudo se utilizou como transporte. Os ciclistas, homens e senhoras, lá vão, estrada fora, em direcção ao Campo...



Quatro aspectos do desafio, tirados do alto das bancadas: as de cima a meio campo, e as debaixo junto das balizas lusas e inglesas

Imagens do Grande Jogo



Azevedo desvia a sóco uma bola alta, tendo Feliclano, Francisco Ferretra e Senfles a seu lado



O árbitro Delassalle, tendo à sua direita o juiz de linha inglês Shankland e à esquerda o juiz de linha português...

A R. A. F. SÓ CONSEGUIU UM EMPATE

Os jogadores portugueses, suplantados em técnica, igualaram-se aos mestres

Crónica de TAVARES DA SILVA



DEIXAMOS no sábado passado o Estádio Nacional, depois do treino realizado pelos ingleses, com a certeza de que iríamos ver no dia seguinte jogadores excepcionais. A única dúvida consistia em saber se o conjunto corresponderia ao valor individual. Como figuras, um por um, não tivemos a mais leve dúvida. Visitava-nos o que há de melhor em todo o mundo, os nomes mais famosos dos nossos velhos aliados.

No dia seguinte, pelas 15 horas, tivemos ocasião de reconhecer que onze elementos, completos em técnica e necessariamente em tática, não de forçosamente constituir sempre um bom grupo de bola.

Desde já a afirmação de que os ingleses nos encantaram por tudo quanto construíram na viçosa e certa relva do estádio deslumbrante do Jamor, e ainda pelas possibilidades reveladas. Nós somos daqueles que não nos deixamos impressionar pelos resultados — quando estes não traduzem uma verdade.

— O empate de domingo passado é justo, no ponto de vista de competição? — Sem dúvida. Podíamos, mesmo, ter ido mais longe e arrancado para o futebol português uma das suas proezas mais brilhantes, a recordar saudosamente.

Mesmo, porém, que tal sucedesse, jogando ambas as equipas como



Azevedo livra-se de um ataque!

jogaram, não deixaríamos de transmitir sinceramente a opinião de que entre o futebol inglês e o da nossa terra há uma enorme distância. Não é tão grande como aquela que separa a terra da lua, mas surge-nos suficientemente nítida para que não se esconda. Além de tudo, não há razões para esconder aquilo que tem a limpidez de água cristalina. Já chegámos a um bom ponto, e temos cada vez de cultivar mais o jogo no sentido de introduzir-lhe as benéficas



Um remate de Peyroteo

necessárias. Tudo isto deverá ser feito com as devidas providências cautelares, e sem que o futebol nacional perca as características que o distinguem de todos os outros.



NÃO temos dúvidas em afirmar que o grupo da R. A. F. pôs ante os nossos olhos a mais bela das harmonias. Vêmo-lo em conjunto equilibrado. Mas quando

passamos para a análise das células que o constituem, mantem-se esse equilíbrio. E ao descermos às figuras individuais, e mesmo ao pormenor, persiste idêntico carácter.

Todos os jogadores visitantes são mestres consumados na difícil arte de dominar o balão. Fazem-no de maneira diferente dos nossos jogadores, e até dos portugueses que se distinguem particularmente neste capítulo. Nós aguardamos a recolha da passagem — parados. Pelo menos, assim sucede normalmente. Os componentes da R. A. F. fizeram essa recolha já em corrida, e sem perda de tempo.

Todo o seu jogo, aliás, obedece imperiosamente ao princípio de que lhes compete movimentar a bola com velocidade, poupando o esforço muscular. Poupando e doseando-o. Devido a essa manobra, os ingleses chegaram ao fim sem mostras de cansaço. Também, os jogadores são ginasticados e aptos fisicamente.

O árbitro Delassalle dá bem a imagem da diferença que nos separa, acentuando que os portugueses, em contraste com os seus adversários, deitaram os hofes pela boca fora correndo atrás da bola, ou com a bola nos pés, isto é, praticando o jogo contrária-

mente aos princípios racionais.

Mas nós temos o melhor dos argumentos para opor ao comentário, reconhecendo embora que tem razão de ser. Com o nosso processo, conseguimos neutralizar e suplantamos os ingleses em muitas ocasiões. E todos os processos são bons quando dão resultados práticos. É por isso que os espanhóis apuram a sua fúria, mostrando-se relapsos a concepções que lhes haviam de tirar personalidade.

No entanto, muito aprendemos, certamente, no que se refere a domínio e ao toque da bola. É impossível driblar, fintar e passar com mais perfeição. Isso deixamos um pouco confusos, destruindo a ideia-base de que os ingleses só utilizam o *dribbling* quando não pode deixar de ser. Ficou inteiramente provado que não é bem assim. Os homens vindos de Londres também gostam do jogo individual, e de praticar o engano com a bola nos pés.

A concepção de que o avançado moderno tem de saber desempenhar praticamente todos os lugares acha-se confirmada. Matthews, o fenómeno, por exemplo, abandonou muitas vezes a asa para vir ao centro do terreno, ou ao lugar de interior, desempenhar essas funções, sendo o seu posto coberto pelos elementos substituídos. E assim que se joga!



EORAM os primeiros momentos de intimidação portuguesa! A responsabilidade do encontro e a justa fama de que os ingleses vinham precedidos abalaram um pouco o espírito dos nossos jogadores. Mas logo que eles viram que o seu futebol valia alguma coisa, recobramos ânimo.

A nossa velocidade, é certo, tem particulares características. Jogo enfiado, em que o jogador corre muito — actuando com sacrifício de energias. Mas não sabemos jogar de outra maneira. E essa qualidade chegou para dominar a situação. Mesmo agora, recordando a partida, fica-nos a excelente técnica dos ingleses como recreio de espírito, mas também a certeza de que conseguimos criar as melhores situações de perigo.

Não falseamos a verdade, informando que poderíamos ter ganho o encontro. Regério, logo de começo, internando-se na melhor visão, deu com a bola na quina das balizas, e mais tarde, Peyroteo, também em golpe com origem no lado esquerdo, não aproveitou o lance. Os pés do nosso mais forte rematador recusaram-se a atirar às redes.

Parece-nos curiosíssimo este aspecto. Fazíamos a ideia de um determinado futebol, por parte dos ingleses, essencialmente prático, e encontramos com um futebol que não sacrifica tudo pelo



ROGÉRIO

apontado unanimemente pela crítica como um dos melhores em campo

goal. São jogadores que também gostam de brilhar, não passando ao acaso. Compreende-se desta maneira a utilização da passagem para o lado e o recurso do passe ou toque atrasado.

O seu remate é forte e preciso. Segue uma trajectória certa, atingindo as balizas. Ai delas se não são vigiadas por um homem de

categoria! De tão extraordinário domínio de bola resulta a imposição da *association*. Quando os portugueses, no seu hábito, quiseram levantar a bola, os visitantes impuseram o jogo rasteiro. Sobrebos!



Muitos detalhes demonstraram ainda os ingleses a sua formidável classe, e também os seus hábitos. Aqui, por esta terra abençoada de Portugal, quando um avançado tenta carregar o guarda-redes, logo sobre o seu gesto recai uma tempestade de protestos. Lá — é outra coisa. O guarda-redes desempenha o papel de alvo, e todos lhe atiram encarnadamente e o perseguem sem margem a tréguas.

Também se nos afigura particularidade interessante a maneira como eles sabem colocar o adversário em fora de jogo. Toada boa, quando bom árbitro. Método que se paga muito caro, em hipótese diversa.

A defesa inglesa é sólida e activa. O ataque somente não teve avançado-centro ao nível dos restantes companheiros, mas em todo o resto apresenta-se magnífico de execução, de destreza e de trocas de lugares, numa palavra, em todos os aspectos. Mas a linha média foi a célula que também decisivamente contribuiu para dar lustre à exibição dos ingleses. Óptima colocação no terreno, boa corrida, reforço da defesa e amparo do ataque.

Os jogadores ingleses produziram melhor tarefa no primeiro tempo do que na segunda parte. A razão deve-se à circunstância do *team* português ter tapado falhas na segunda parte, e ainda na melhoria de todos os seus elementos.

Como tem vindo a suceder entre nós, praticamos o jogo de posição — decidindo previamente as tarefas. Não vale esmiuçar o caso. A vigilância de Matthews foi confiada a Serafim, e, como conse-



O famoso Matthews em acção!

quência, o benfiquense Francisco Ferreira passou para um posto que, no papel, se designa pela nomenclatura de médio-centro — continuando a ser o mesmo médio-esquerdo.

Estamos em crer que, entre a defesa e o ataque dos militares portugueses, se registou um desnível, mas tal deve-se à circunstância de praticarmos melhor o jogo defensivo do que atacante. A coisa que nos deixou mais satisfeitos consistiu na facilidade com que passávamos do ataque à defesa, sem esforço aparente. Apenas os gran-

dos grupos mantêm este esplêndido equilíbrio.

Certamente, sobressaltámo-nos algumas vezes, quando calhou termos de suportar um ataque inesperado. Os nossos jogadores corriam, então, desesperadamente, a ocupar os seus postos, dando a sensação do maior dos receios. Isto, em contraste com a tranquilidade revelada em todo o decorrer do desafio pelos ingleses — impressionou. Mas a serenidade é um produto de haver a certeza de que se passará o obstáculo. Simples expressão de classe. E nós, por outras razões, nunca poderemos jogar com serenidade. Vibrámos facilmente e empressamos, ao jogo todo o calor do entusiasmo. Exigir que os portugueses joguem com a frieza de outros povos é não ter a noção das coisas.



verdade é só uma. Para algumas pessoas, este jogo não interessou — porque não as fez vibrar. Têm o paladar de quem está habituado a outros postos. Os ingleses não entusiasmar os olhos desprevenidos. Dão a impressão de fazerem pouco — e fazem muito. Ao contrário de outros praticantes, que nos deixam a impressão de fazer muito — não fazendo nada. Um jogo entre latinos palpita mais! Os ingleses chegam a dar a impressão de que têm prazer em que o seu adversário brilhe. A bola não nasceu só para eles. Os outros também têm direito à vida.

O seu extremo direito, o famoso Matthews, quase que é já uma figura lendária. Arranca para a bola com uma velocidade demoníaca, e finta de modo que é impossível adivinhar ou prever o lado por onde se vai esgueirar. Com um domínio de bola fantástico, desloca-se para qualquer dos lados, deixando o adversário em dificuldade. Joga tão bem ao centro do terreno como na extremidade. Não obstante, pelo que nos dizem e por declarações do próprio jogador, parece que o elemento n.º 1 da Inglaterra esteve longe da sua medida normal.

Por sinal, o homem que brilhou mais na linha da frente foi o outro extremo, Smith. Este correu na sua linha e internou-se também com facilidade. Bons pés e passes magistrais. Pontapé forte e colocado. Rápido.

Na linha da frente, somente uma unidade destoou, o centro-avançado (Mercer), que, aliás, não estava para ocupar o posto. Os interiores Dougall e Brown descobrem jogo em todos os lados, e não dão a impressão de muito atarefados. Lançam os pontas ou a centro com boa visão, e nunca se atrasam demasiadamente.

O médio-centro Franklín joga atrasado, e está longe de ser uma figura central — quanto mais a figura à volta da qual tudo gira. O da esquerda, Soo, descendente de chineses, é do melhor que temos visto, e Paterson não lhe fica atrás. Devemos esclarecer que estes jogadores também têm a intenção de desarme, em jogo de posição. Mas semelhante processo está longe de ser praticado como vemos, por vezes, entre nós. Guardar um adversário não é es-

tar ao seu lado a todo o momento — mesmo quando o desenvolvimento do jogo exige que esteja noutra banda.

Os defesas são seguríssimos: completos na marcação, óptimos no alívio da bola, hercúleos e rápidos de jogo, ainda que leais. Scott talvez seja melhor do que Barker, um elemento que brevemente será internacional. Williams não tem as fantasias tão características dos guarda-redes e personalidade. É seguro, forte e ágil.



MPORTA agora falar um pouco da nossa gente — que tão brilhantemente se comportou, dando, em conjunto, excelente medida.

A inclusão de Azevedo não pode deixar de ser como providência de primeira ordem. O guarda-redes nacional, segundo calculámos, chamado à última hora, entrou no terreno com vontade inflexível de contribuir para o êxito da partida. Para caracterizar o seu trabalho, bastará afirmar que, na segunda parte, salvou as cores portuguesas da derrota certa, parando três tiros, pelo menos, de forma exemplar. Um bravo para este rapaz, que continua a dar cartas no futebol!

Cardoso e Feliciano constituíram uma parelha que não deve absolutamente nada às mais destacadas formações de todos os tempos! Os ingleses sentiram a rapidez das suas entradas fulgurantes, e o peso do seu jogo, precioso e oportuno.

Parece-nos difícil caracterizar a nossa linha média, sem equilíbrio, dando-nos a nítida impressão de que cada jogador se importava exclusivamente com a sua função e mais nada, abandonando os outros companheiros à sua sorte. O jovem Mateus, que se estreou, desempenhou com utilidade o seu lugar — quanto mais não seja por ser o único do terço que realizou passagens à frente em boas condições. Esta é que é a verdade, não nos parecendo justo tudo quanto afirmem em contrário. Francisco Ferreira, que está longe da capaz forma física, não nos deu os seus costumados rasgos e audácias, jogando, no entanto, com inteligência. Serafim, remetido a tarefa eminentemente defensiva, não pensou em mais nada. Verdade seja, já tinha muito com que se preocupar. Saiu-se bem.

Para Mário Coelho não se pode ter, com desgosto nosso, uma boa palavra. Não lhe faltaram ocasiões de revelar qualidades — foi mais servido do que o extremo-esquerdo! — mas não saiu da mediocridade sem atrevimentos. Já Quaresma, apesar de tudo, procurou acertar e organizou várias das jogadas de ataque que se desenvolveram. De Peyroteo veio sempre perigo para o adversário, e

deve dizer-se que os ingleses puseram especial cuidado na sua guarda. Peyroteo conseguiu, mesmo assim, golpes que afirmam a sua capacidade. Além de ter marcado o *goal* com o ar mais natural deste mundo... Salvador, o interior algarvio, deu-nos uma estreia auspiciosa, com passes de boa medida, tendo fraquejado de certa altura em diante.

Rogério — os últimos serão os primeiros! — foi uma bela afirmação. Seus pés chutam sem esforço, produzindo verdadeiros tiros. É, caso curioso, trata-se de um tipo de jogador que não é vulgar no nosso futebol. Numa tentativa para copiarmos o modelo inglês, chegaríamos ao caso do extremo do Benfica, que se encontra esta época em forma incomparável. Anotemos, mesmo, que de sua inspiração saíram sempre os grandes momentos de perigo para o adversário. Que melhor elogio se lhe poderá fazer?

E, para terminar, queremos fazer uma referência à arbitragem. Bem a merece o árbitro de Calais, o sr. Delassalle, que dirigiu a partida com a maior das imparcialidades e inexcusável apuro.



Por alto, os portugueses dominam!

Acompanhando o jogo muito de perto, apesar de não ser já um homem novo, separou as cargas conforme a intenção e aplicou magistralmente as Regras — fazendo justiça. Os ingleses puseram constantemente fora de jogo a nossa linha avançada, tendo a sorte de encontrarem um árbitro que não deixou escapar um *ofsíde*. A bola de Peyroteo, anulada, não sofre discussão. Não há uma pessoa, medianamente versada nas Regras e acostumada a ver o jogo, que possa dizer o contrário.

O empate do Estádio Nacional torna-nos optimistas. Como todos que defendem o jogo — não o viamos pela cor do nosso agrado. Está definitivamente provado. E logo com o testemunho valioso e insuspeito dos mestres ingleses.

Biblioteca da "Stadium"

Uma defesa segura do guarda-rede nacional Azevedo. Feliciano está confiante



O Estádio Nacional, durante o jogo, mostra a sua grandiosidade. Um volver de olhos de ponta a ponta, emocionava por certo o espectador mais insensível a manifestações deste genero



O guarda-rede da R. A. F., Williams, lança-se e revela classe. A bola passou ao lado



O FUTEBOL PORTUGUÊS BRILHA!

1 a 1 contra a R.A.F.

Os punhos de Azevedo chegaram onde ele queria. Os adversários, embora saltando bem, não conseguiram perturba-lo



O defesa Scott, que pertence ao Arsenal, consegue levar a melhor em luta com Peyroteo



Os dois defesas portugueses não deixam que o avançado-centro inglês tire partido da sua agilidade



Aqui se vê Smith em jogo. Veio precipitadamente do seu lugar da esquerda para a direita, trocando com Mathews onde lhe apareceram Feliciano e Serafim



Francisco Ferreira inicia a marcha para a bola — que lhe fugirá, tão boa é a colocação do adversário



Eis uma atitude clássica de Rogério, antes de um remate às redes da R. A. F.



O ESTÁGIO em Venda do Pinheiro

Como os jogadores passaram agradavelmente uma semana — A função dos estagiários



Na pacatez do estágio, em modesta mas simpática pensão de Venda do Pinheiro, os internacionais militares almoçam. Preside o major Ribeiro dos Reis, vendo-se na sua mesa os srs. dr. Mesquita de Guimarães, maçagista Manuel Marques, Barroso, Azevedo, Manuel Marques e Peyroteo

COM a abalada dos jogadores ingleses terminou, praticamente, o jogo internacional que com tanto brilho se disputou no Estádio Nacional entre dois grupos militares, o da R. A. F. e o do Exército Português.

Os nossos jogadores foram submetidos a preparação tanto quanto possível cuidada e minuciosa, se atendermos no tempo que o major Ribeiro dos Reis, seleccionador militar, teve para a sua tarefa.

Os dois treinos efectuados pela selecção nacional serviram a formação do grupo militar. Aquele nosso camarada de jornalismo conseguiu separar dezasseis jogadores, Capela, Eduardo Santos, Cardoso, Feliciano, Manuel Marques, Mateus, Barroso, Francisco Ferreira, Seralim, Mário Coelho, Moreira, Qaquesma, Peyroteo, Cabrita, Salvador e Rogério, aos quais mais tarde se juntaram Valongo e Azevedo, como consequência da lesão sofrida no campo algarvio pelo conhecido guarda-redes de Belem.

Com este lote, já sabem os nossos leitores como o team se apresentou em campo, e a forma como se comportou.

Os internacionais militares fizeram um estágio em Venda do Pinheiro, de que damos neste número vários aspectos gráficos. Semelhantes estagios conduzem normalmente a bons resultados. Há quem pense que a sua utilidade é escassa, e, bem entendido,

talvez assim seja, quando não se dá o necessário movimento aos que estão no cortiço e não se aproveita o tempo para dar ao homem a base da ginástica e para aperfeiçoar o conjunto no sentido técnico, isto é, para infiltrar na inteligência do jogador o plano de futebol adoptado e a pôr em prática em campo.

todos os elementos desde o primeiro dia do estágio até ao último, algumas horas antes de começar o grande encontro entre portugueses e ingleses. Não é coisa fácil escolher um



Depois do almoço, e em um dos momentos em que o nosso chefe de redacção visitou os jogadores no estágio, converso-se animadamente. Mas não se fala de futebol

Desta vez, o estágio foi muito bem aproveitado. Pelo menos, o seleccionador Ribeiro dos Reis fez tudo quando podia fazer. O mesmo pensamento animava

o lugar próprio para um estágio desta espécie! Havendo muitos locais nos arredores de Lisboa que se prestam para o efeito, é difícil conseguir instalações apropriadas, e a comida também constitui outro problema.

A oferta das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade da sua Colonia de Férias resolveu o caso. Ali se instalaram durante a semana linda os componentes do onze militar português.

Venda do Pinheiro fica a três quartos de hora de Lisboa, de automóvel. Um pouco para lá de Lousa, é uma povoação simpática e acolhedora, de boa gente, prestável e simples. A colónia tem amplas camaratas, dachas quentes e frias, e até esplêndida cozinha que, desta feita, não se utilizou. Os futebolistas comeram em uma pensão situada defronte da colónia. A casa está cercada por uma quinta relativamente grande, e isso valoriza-a imenso para o fim em vista. Para lá dos seus muros vêem-se pinhais que parece que filtram o ar, dando-lhe uma maior pureza.

Os jogadores passaram na Venda do Pinheiro uma vida simples e essencialmente saudável. Erguendo-se às primeiras horas da manhã, dirigiam-se logo para o campo, em loto de treino ou mesmo em pijama, como, a nossa documentação gráfica sobejamente prova. Depois da indispensável lição de ginástica a cargo do prof. Luis Adão, organizavam-se sempre passa-tempos desportivos. Ou um corta-mato através os pinhais, ou animados partidas de volei.

A hora do almoço chegava quase sem que os jogadores dessem por isso. A dona da pensão não ficou certamente a lacrar com estes pensionistas... Boa comida caseira, e bem cozinhada.

Alguns jogadores descançavam em seguida um pouco. E outra vez em movimento respirando o ar puro, até o major Ribeiro dos Reis falar de técnica e das Regras do jogo, e seu bom aproveitamento, com todos os elementos à sua volta debruçados sobre um campo de futebol, em figuração, claro está.

Mais tarde, feita a digestão, e após o jantar, o sono reparador. A cama era saborosa, após o esforço muscular de um dia intenso, mas ao mesmo tempo agradável! O estágio foi ameni-



O maçagista Manuel Marques trata desveladamente de Francisco Ferreira. Mas a distensão já passou...



Barroso parece que vigia a maçagem que Manuel Marques está a dar em Peyroteo. Que saberá ele deste delicado officio de maçagista

O árbitro francês Delassalle

que dirigiu o encontro entre os militares portugueses e a R. A. F.

gostou do jogo e da maneira como o receberam em Portugal

zado por várias diversões, tais como passagem de filmes, não referindo já visitas de um ou de outro adepto e amigo. A Emissora Nacional, na sexta-feira, também animou o ambiente.

Pode afirmar-se, e isto é indiferente do resultado, que o estágio em Venda do Pinheiro serviu magnificamente a moral e o espírito de equipa. Jogadores que pertencem a diferentes clubes e



Durante o treino da selecção militar portuguesa, três pessoas falam do jogo: Carlos Alberto P. da Rosa, Tavares da Silva e Ribeiro dos Reis

separados porventura por qualquer mal-entendido, a maior parte das vezes como resultante da competição, transformaram-se em amigos.

A maneira como os jogadores se agrupavam durante as refeições, por exemplo, prova que as cores dos clubes foram relegadas para segundo plano—de momento. Uma semana de tréguas.

Em uma mesa sentavam-se Valongo, Feliciano, Mateus e Francisco Ferreira. Em outra, Moreira, Mário Coelho, Quaresma e Rogério. Noutra, Cabrita, Salvador, Serafim e Eduardo Santos. Na mesa maior, os restantes. Ribeiro dos Reis a presidir, e, em volta, o numeroso grupo sportingista, Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Barrosa, Peyroteo.

Passámos no estágio alguns



Peyroteo é constantemente solicitado ao telefone. Nem a lotação do Estádio chega para atender todos os pedidos de bilhetes...

—Conhecia o sr. Delassalle o futebol português?

—Não—até agora.

—E... como o apreciou?

Era esta pergunta a mais difícil, mas, por certo, a mais oportuna. Delassalle, homem vivo, tipo de francês apurado e inteligente—sorrisu. Francamente. Bailava-lhe nos olhos o futebol da R. A. F. e também o magnífico espectáculo a que pôde assistir, no Estádio Nacional, o nosso admirável campo do Vale de Jêmor.

E começou:

—O publico português é entusiasta, simpático, e leva dêle as mais gratas recordações. Sabia que em Portugal havia entusiasmo, verdadeiro gosto pelo futebol, mas não esperava tanto. Uma surpresa.

—Conhece, então, o publico de outros países?

—O da França—especialmente; o de Luxemburgo, onde já dirigiu um encontro entre este país e a Bélgica; e o da Austria, que me viu arbitrar um encontro contra a equipa do meu país. Também arbitrei um encontro França-Africa do Norte, em Paris. E, claro, vários jogos entre clubes.

«Sem querer lisonjear os portugueses, sempre lhe digo que o publico lusitano é deveras simpático, amável, sabedor. E gosta do seu equipo...»

—Antes de Delassalle se pronunciar sobre o jogo—digo-nos:—o futebol actual perde em confronto com o futebol de antes da guerra?

—Põe-me em frente de um problema difícil. Já vê:—o futebol dos países que entraram na guerra, como não podia deixar de ser, desceu qualquer coisa. Mas o futebol reage, graças aos seus meritos pró-

pedaços. Vimos como todos trabalhavam, e entre eles é justo citar também o maçagista Manuel Marques, elemento indispensável de todas as selecções. O sr. dr. Mesquita de Guimarães também deu a sua assistência ao grupo. O pessoal da Colónia de Férias foi igualmente de uma solicitude a toda a prova. O brigadeiro Carvalho fez excelente companhia. Um verdadeiro camarada. Quando, cerca das treze horas, no passado domingo, os jogadores abandonaram a povoação, com as suas fardas novinhas em folha, apurados e sorridentes, Venda do Pinheiro ficou triste. Mas o estágio cumprira a sua função.

prios. O jogo é bonito—está na alma das multidões. Acredito na sua breve vitória.

Delassalle não é apenas aquele árbitro ágil, alto e diplomata que vimos no Estádio Nacional. Vê-se que está dentro dos segredos do futebol, que adora o popular jogo—que deseja o seu progresso. E volta à carga, expressivo e eloquente:

—Os países, saturados com a guerra, vão agora entrar no regime das grandes competições internacionais. Pois que venham! Dão alegria, estes jogos; entusiasmam os próprios estranhos; valorizam extraordinariamente as relações entre

—Então a R. A. F. Impressionou-o?

—Muitíssimo. Trata-se de uma equipa admirável, que sabe de seu officio. Um conjunto para ver em qualquer parte.

—Quem o impressionou?

—Os dois extremos ingleses. Maravilhosos. No conjunto—tudo bom.

—E quanto aos portugueses?

—O extremo esquerdo Rogério, o avançado centro Peyroteo, e Cardoso, Feliciano e Azevedo. São bons jogadores, autênticos «internacionais».

—O nosso Estádio...

—Um campo digno de todos os



O árbitro francês Delassalle chega a Lisboa. Rodeiam-no José André, de «O Século», Cândido de Oliveira, Carlos Canuto, Jorge Vieira e Edmundo Trabucho

os povos, entre os próprios governos. Palavra que este jogo Militares de Portugal—R. A. F. já nos indicou qualquer coisa...

Era tempo de falarmos «abertamente» sobre o desafio, sobre o valor dos portugueses—para o árbitro Delassalle, que os não conhecia. E também do que vale a R. A. F. ou do que valeu neste encontro...

—O gauês Delassalle endireita-se mais, se é possível. E veio para o nosso campo, com as seguintes palavras:

—Ainda não tinha visto jogar nenhum grupo português. Pois gostei bastante, sinceramente lhe digo. São muito rápidos e briosos. O futebol português tem uma característica especial, espectacular, e não se perturbou, na verdade, mesmo na frente de um conjunto que reputo superior, técnicamente.

elogios. Bom, francamente bom.

—E assistência?

—Correcto, embora se tivesse desgostado com o «goal» que anulou a Peyroteo. O publico português é entusiasta, e só tenho que o louvar por isso. De resto, desde que estou em Portugal, só me vi rodeado por amizades. Não esquecerei, entre outras, a de Jorge Vieira, meu companheiro destes dias de passagem por Lisboa.

—Regressa, por isso, satisfeito?

—Satisfeíssimo. Espero voltar a Portugal. Estava-se cá bem...

Deixamos Delassalle. Pedro Escartin, o árbitro «internacional» espanhol, arrebatou-o, para conversar com ele também. Era de toda a justiça agradecer a sua deferência para com «Stadium». E desejar-lhe boa viagem...

R. T.

Fases do ESTADIO NACIONAL



Sua Excelência o Sr. Presidente da República, assiste ao grande encontro, tendo ao seu lado direito o Senhor Embaixador de Inglaterra



Francisco Ferreira antecipa-se ao seu adversário. Mateus segue com atenção o esforço do seu colega



Peyroto está em jogo! Todo o cuidado é pouco, senhores da R. A. F.!

Uma defesa de Azevedo — tão segura como tantas que efectuou. O guarda-redes nacional é sempre uma barreira para o adversário



Dê-se à classe o que à classe pertence. Este avançado da admirável equipa da R. A. F. vai lançar um remate que Azevedo há-de segurar, mas denuncia inegavelmente a sua categoria. Setafim. Francisco Ferreira, Salvador e Mateus espreitam os seus movimentos

Cardoso entrará a tempo. Smith ameaça a nossa baliza, mas estava bem acompanhado...



Os "MESTRES" empatam!

Outra avançada de Smith, o famoso jogador do Aston Villa. Francisco Ferreira vigia-o nesta altura



Fernando Peyroteo, o autor do «goal» português, terminada a luta, sorri visivelmente satisfeito

Boa intervenção de Cardoso. E' segura, enérgica...



Um defesa português e um avançado da R. A. F. saltam à bola num duelo de corpos que deve aplaudir-se às mãos ambas. Brown, Mateus e Francisco Ferreira estão na expectativa



Feliciano interrompe a marcha de Brown. A bola é do atlético português



Os militares de Portugal e da R. A. F.

confiaram-nos as suas impressões

A classe do futebol português começa a ser considerada e os adversários não o escondem...

O jogo estava concluído. Para a história ficará um bom resultado, um admirável resultado da equipa nacional portuguesa, contra o poderoso grapo da R. A. F., uma selecção de profissionais ingleses. De profissionais ingleses — é bom repetir.

Agora, — o cenário apresentava-nos o Estoril à noite, já muito de noite, onde se realizava o banquete comemorativo. Caminhava-se para a despedida, e portugueses e amigos ingleses, num ambiente de pura simpatia, saudavam-se. Eles, à sua maneira, firmes, sempre admiravelmente bem dispostos; os nossos, com todo o calor de peninsulares, habitados no sol do Atlântico sonhador e aventuroso...

No banquete — havia lugar para 300 convidados. Em volta da mesa, um grande C muito aberto, dançavam-se e divertiam-se pares — gente do Casino, gente de todas as noites e gente que foi até lá, para admirar também os jogadores e «viver» ainda os últimos momentos de uma luta que se recordará por muito tempo.

Frete a frente, jogadores dos dois quadros que haviam empatado no Estádio Nacional. Os lusitanos, fardas-cinzentas, apurados, distintivos de um exército que já deu provas; os da loira Inglaterra, — fardas que venceram a última grande batalha mundial, aviadores que cruzaram os espaços e riscaram o céu enevoado da Grã-Bretanha, ora na defesa de direitos sagrados, ora na conquista de posições inimigas.

E era preciso entrevistá-los. Nem para outra coisa saíramos do Estádio Nacional para o Estoril...

Foi «goal»! Não foi «goal»!...

Uma das coisas que mais interessava saber, até para contentar a curiosidade pública, era se o «goal» anulado a Peyroteo teria sido marcado com a legalidade que muitos lhe atribuíram e o próprio avançado centro nacional também...

— Eu estou convencido de que parti de dentro do jogo para a bola. Ninguém me convence do contrário. O defesa direito inglês quis «impressionar» o árbitro e conseguiu-o.

— Mas não gostou, nesse caso, da arbitragem?

— Bem — isso é outro caso. O árbitro é competente e dirige a partida com muita autoridade. Mas o «goal» — aí este «goal»

não me esquecerá! Talvez nos desse a vitória!

— Quanto aos adversários, o que pensa Peyroteo?

— São maravilhosos. Os dois extremos Matthews e Smith, do melhor que tenho visto. Gostaria de jogar mais vezes contra grupos de tal quilate.

Ficará a dívida no nosso espírito. Dívida por causa da afirmação peremptória de Peyroteo, visto que, quanto a nós, o «offside», existia. Mas — às vezes, também se erra no sector da critica...

Procurámos o capitão do grupo, o 2.º sargento Quaresma.

— Mea caro amigo — Peyroteo afirma que não estava deslocado quando marcou o 2.º «goal» português. Via bem como foi?

— Vi. Peyroteo estava deslocado. Olhe — tenho sincera pena que assim tivesse acontecido. Seria tão bonito, tão brilhante o nosso resultado...

— Então não o satisfez o empate?

— Mas sem dúvida! Empatar com um grapo que joga futebol como a R. A. F., é qualquer coisa. O nosso jogo também deve ter impressionado os profissionais ingleses. Menos preciosismo — sem dúvida. Mas — vamos lá com Deus — as coisas chegaram a inclinar-se para o nosso lado. E parece que não será injusto dizer isto — merecemos bem o empate.

— Impressionou-o algum jogador inglês?

— Vários. Os extremos e a defesa. No conjunto, um grande grapo.

— O árbitro?

— Admirável!

Rogério não se perturbou e Feliciano também

O extremo esquerdo Rogério foi um dos melhores jogadores no terreno. Possivelmente — o melhor português. Para quem se estreia...

— Os seus nervos funcionaram bem, Rogério...

— Como noutro jogo qualquer. Como quando jogo um desafio de campeonato, pelo Benfica.

— Conte, claro está.

— Nem se fala. Todos gostamos de conseguir um bom resultado e este pode satisfazer as aspirações do nosso futebol.

— Chegou a ter dificuldades, no decorrer do jogo?

— Quem as não teria contra «team» tão bom? Mas após os primeiros minutos do jogo, senti que também podíamos caminhar para a baliza. E caminhamos mesmo...

Feliciano estava próximo. Este

jogador já ganhou a experiência necessária, já não se perturba...

— Seja contra quem for, Feliciano?

— Seja contra quem for. O nosso adversário «sabe tudo»: finta com o corpo, domina a bola como quer, passa sempre para o melhor sitio... Mas acredite-se um pouco na rapaziada cá do grupo!

— Custou-lhe muito a marcar Mercer?

— Não. É mais difícil conter Peyroteo em respeito...

Agora falam os mestres

Na frente dos jogadores lusitanos estavam os ingleses. O distintivo da R. A. F. sobre o peito dava-lhes um certo ar de fama, de respeitosa capacidade individual.

O que mais despertava a nossa atenção — o calvo Brown, capitão do grupo. Primeiro assinou o nosso convite para o banquete, onde pode ler-se uma saudação amiga. Depois bebeu de um trago uma taça de «champagne». E depois de fazer uma carícia a Matthews, disse — sorridente e natural:

— Gostei do vosso futebol, sabe?

— O resultado...

— Merecíamos ganhar por uma bola...

— A nossa equipa impressionou-o? Em que sentido?

— É veloz, dura no embate, mas é pena que falte ainda aos portugueses certo apuro individual. Se o conseguirmos, escusam de correr tanto com a bola nos pés. Não se esqueça — esta deve fazer aquilo que o jogador não pode...

— O árbitro?

— Perfeito. Sabedor e correcto.

— O público português?

— Foi muito amável comigo e com os meus companheiros de equipa.

— Gostou de algum jogador português?

— Do trio defensivo, extremo esquerdo e avançado centro.

Importava consultar Matthews. Todos nós sabíamos que o jogador n.º 1 da Inglaterra havia maravilhado o público, que só teve olhos para o ver, no Estádio Nacional.

— Regressa contente a Stoke?

— Gostaria de estar mais um dia em Portugal. Mas não pode ser.

— Voltará?

— Sim — se for seleccionado para um Portugal-Inglaterra, de que já ouço falar.

— É verdade: — se a Inglaterra jogar contra nós...

— A Inglaterra é invencível.



PEYROTEO

o autor da bola portuguesa

— Sobre o jogo — qual a sua opinião?

— Boa. Os portugueses não são adversários fáceis de vencer.

— Que mais?

— Mais nada. Espero que o team da R. A. F. tenha agradado.

— Oh! se agradou...

O jogador Smith, do Aston Vila não gosta do jogo duro...

O extremo esquerdo Smith deixou entre nós milhares de admiradores. É fantástico a correr, preciso nos seus centros e famoso nas desmarcações. Como Matthews. Um grande jogador da Inglaterra.

— A selecção militar portuguesa?

— É boa. Mas muito dura. Às vezes, um pouco violenta.

— Uma queixa?

— Não — um simples reparo.

— Qual o jogador que mais lhe agradou?

— O defesa direito, que é todavia muito ágil.

— Parece-lhe que os portugueses possam valor internacional?

— Não se empata impenavelmente com a R. A. F.

Por fim, — abeiramo-nos de Scott, defesa direito do Arsenal de Londres. Um loiro como uma espiga de milho, delgado, mas simpático e cançoador.

— Se gostei do jogo? Os portugueses aplicaram-se com extraordinária vontade. Parece que o resultado lhes interessava muito.

— Já vê. Importa sempre ganhar aos melhores... Custou-lhe a marcar Peyroteo?

— Sem dúvida. O avançado centro português tem de ser virado sempre por qualquer defesa. Remata bem e... o seu físico não é para graças.

Tinhamos obtido um bom punhado de opiniões. O banquete terminara e os jogadores portugueses e ingleses retiravam-se. No Casino do Estoril ficaram apenas aqueles que já não estavam presos a certas obrigações. E os jogadores, como por certo sabe o leitor, não podem envolver-se muito nas delícias de uma noite bem passada.

A forma, a conquista da boa posição no futebol, desta posição a que chegaram os jogadores da R. A. F. — exige muitos sacrifícios...

Rodrigues Teles

Stadium

NOTA DA SEMANA

A opinião pública inglesa, que, no dizer de certo escritor afamado, constitui a mais respeitável e poderosa força do Império Britânico, acaba de protestar contra a especulação dos vendilhões de bilhetes para espectáculos desportivos de grande vulto.

«Não existe procedimento legal estabelecido contra essa gente sem escrúpulos, mas devia de haver. Compram pelo preço oficial e vendem com ágio elevado, o que é uma imoralidade. Assim se expressa, pouco mais ou menos, o jornalista londrino Geoffrey Simpson, condenando a ganância e desaforo dos especuladores.

O grupo Chelsea de frontava em Londres o Aston Villa, no sábado, 9 do corrente, jogando em casa. Havia grande expectativa e ansiedade, pois que o primeiro precisava dominar o segundo por marcada diferença para assegurar a sua posição. Uma hora antes do desafio começar havia já sessenta mil pessoas instaladas, não sobrando muitos lugares sem ocupantes.

Fora, encontravam-se bastantes pessoas desejosas de adquirir bilhetes. Os controladores possuíam-nos em largas quantidades, mas pediam libra e meia por cada um de meia libra. Ninguém se atrevia a comprar, e só quando baixaram para 20 xelins, algumas pessoas se decidiram a esportular a importância.

Mas os restantes foram de certo modo heróicos, resistindo à tentação. Preferiram não ver o jogo, conservando-se perto do local e vivendo o que ouviam nas bocas da assistência, a pagar o preço exigido pelos vendilhões.

Esta corajosa recusa de pacificar com patifes, reagindo em massa, espontaneamente, com dignidade colectiva, é um traço característico do notável povo britânico. A sua arma poderosa está precisamente na solidez do carácter de cada indivíduo e no mútuo entendimento da maioria.

Em Portugal é o que se vê. Não há quem se não proponha ganhar para um fato, ou para mais, sempre que um desafio internacional de importância atraia os peraltilhos ocasionais que habitualmente não frequentam os campos de jogos. Pessoas de categoria social compram e vendem com lucros desafortunados bancadas e peões, explorando o interesse dos retardatários e dos endinheirados, sem vergonha.

Final, não era difícil liquidar a maioria desses mercados venezianos...

Rafael Barradas

a vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

FUTEBOL

A taça de Inglaterra

DEPOIS de furiosa e indecisa batalha, travada no sábado, 9, e nos dias da semana finda, ficaram apurados para os quartos de final da Taça de Inglaterra os seguintes clubes: Stok City, Aston Villa, Charlton, Derby County, Bolton Wanderers, Bradford, Birmingham City e Brentford.

O nosso prognóstico, publicado no último número, falhou quanto ao Chelsea (eliminado pelo Aston Villa) e ao Preston (vencido pelo Charlton).

O Chelsea perdeu as duas «mãos» por 1-0. No primeiro jogo, as bichas junto dos portões principiarão às 6 horas da madrugada, mas o público não viu o que se diz «bela futebol». A defesa de Aston, chefiada por Cummings, trabalhou com um talento destrutivo vulgar. Apenas, durante os primeiros vinte minutos da 2.ª parte, o famoso Tommy Lawton, levando consigo três adversários à ilharga, disparou uma «brasa», devolvida pelo poste. O cúmulo do azar, porém, foi Payne ter perdido o primeiro penalty da sua vida!!

Chelsea estava condenado. No segundo jogo — fora de casa — Aston Villa trabalhou impecável-

mente e Goffin marcou, num shot de execução perfeita, o golo da vitória. Lawton esteve de novo infeliz e muito vigiado. Passou esplendidamente a Williams e este disparou de modo imparável a 25 metros. Para cúmulo de infelicidade, a trave defendeu-o.

O dia de sábado, o primeiro de provas, atraiu aos campos 317.338 pessoas, distribuídas por 8 jogos. Aos jogos durante a semana compareceram 265.673 espectadores.

O Ministro dos Combustíveis, Mr. Emanuel Shinwell, não concorda com os jogos em dias úteis, porque grande número de trabalhadores deixa as suas ocupações para assistir ao futebol, causando sensível redução no rendimento do trabalho.

Dos clubes apurados são 4 da região de Midlands, 2 de Londres, 1 de Yorkshire e outro de Lancashire.

O campeonato Americano

TERMINOU o campeonato sul-americano com a vitória dos argentinos sobre os brasileiros por duas bolas a zero.

A selecção brasileira, que se destacara durante o torneio, comprometeu a sua classificação empatando com o Paraguai por 1-1, contra toda a expectativa.

O prêmio definitivo foi esmaltado de incidentes entre jogadores e com a intervenção do público e da policia.

CAMPEONATO DE ESPANHA

O empate Bilbao-Sevilha na classificação

OS resultados do último domingo não alteraram a classificação — quanto aos grupos da vanguarda. Continua a lutar-se para a conquista do título... — ainda pouco à vista.

Eis os resultados de ontem:

1.ª DIVISÃO

Espanhol-Gijon	2-2
Alcoyano-Sevilha	1-2
Aviacion-Castellon	4-0
Bilbau-Celta	2-1
Valência-Hércules	2-2
Múrcia-Barcelona	0-2
Oviedo-Madrid	1-1

2.ª DIVISÃO

Cordova-S. Sebastian	3-0
Saragoça-Xerez	3-2
Ferrol-Sabadell	3-1
Santander-Salamanca	4-2
Tarragona-Matorca	1-1
Betis-Granada	1-2
Geuta-Corunha	1-2

BOXE

O futuro adversário de Joe Louis

LEOMA, que no dia 22 do corrente combaterá o campeão mundial dos meios pesados, Gus Lesnevich, é considerado hoje o mais sério rival do preto Joe Louis.

A vida deste pugilista não tem paralelo na história do boxe. Aprendeu a esgrimir com os punhos durante os longos anos que permaneceu na cadeia por delitos vários, e só em 1943, após ter conquistado a liberdade, principiou jogando em público.

Descende de russos — como aliás Lesnevich — cujo apelido, Czajewski, os americanos lêem com dificuldade. Por isso adoptou um nome de guerra, original, extraído da tabuleta de uma firma de camiões de transporte: The Omaha Truck Co.

Tem 29 anos. O seu estilo é tão incrível como o seu passado. Rodopia em torno dos adversários, com os braços pendentes e oscilantes. De repente, parte com uma saraivada de poderosos murros que arrasam os parceiros.

É este o homem do momento no boxe americano.

O «match» Ferrer-Cerdan

CERDAN, que por doença paterna não combatera com Ferrer em Lisboa, perdeu agora o autor de seus dias, deixando de subir ao «ring» em Barcelona na data aprazada.

Nos Estados-Unidos, as faltas de comparação aos combates, mesmo por motivos imperiosos, pagam-se muito caro e em metal sonante.

É uma coisa que o sr. Roupp, seu cuidador, parece não ter ainda compreendido. Valha a verdade, o insucesso financeiro de Lisboa devia ter-lhe aberto um pouco mais os olhos às realidades...

RUGBY

A Inglaterra bate a Irlanda

OS quinze jogadores ingleses da bola ovóide alcançaram excelente e marcada vitória sobre os congéneres da Irlanda, em Dublin, por 14 pontos a 6.

O jogo dos britânicos foi mais prático do que o dos irlandeses e deve-se ao trabalho dos defesas o resultado final. A Irlanda executou combinações vistosas, mas sem a finalidade produtiva eorrespondente.

TÊNIS

O campeonato da Flórida (E. U.)

DURANTE o campeonato de ténis de Miami, destacaram-se as actividades dos jogadores Pancho Segura (equa-

toriano) e Aleixo Russell (argentino).

Este último, depois de brilhantes vitórias, foi apurado para as meias-finais, derrotando Jack Cushman por 8/6, 6/4, enquanto o primeiro vencia Campbell Gillespie por 6/3, 6/2, no quarto-de-final da sua série.

A vida no estagio de **VENDA do PINHEIRO**



Rogério e Mateus num treino de salto para a bola



O professor Luiz Adão, dirige um «corra-mato»



Cardoso e Rogério, no estagio, oram por um bom resultado



Os defesas Marques e Feliciano são amigos «brincalhões»...



O major Ribeiro dos Reis, à vontade, conversa com Peyroteo



Feliciano e Rogério experimentam as suas possibilidades hípcas



... Feliciano e Cardoso, os defesas da selecção, — experimentam forças



Um passeio ligeiro, que o seleccionador aproveita para dar indicações



Na hora do descanso...



Outra fase de treino útil



Um treino de «volley» também serve de preparação



Um pouco de ginástica para aquecer



"FLECHA"

A BICICLETA DOS CAMPEÕES

STAND FLECHA

**Para homens,
senhoras
e crianças**

A mais leve e resistente

A ILUMINANTE — Lisboa — Largo do Intendente 11 a 15

A ILUMINANTE

MATERIAL ELÉCTRICO

**oferece sempre os melhores preços
e a maior rapidez na execução
de tôdas as encomendas**

LISBOA

**Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
Telefones 4 6186, 4 6187, 5 1146**

PORTO

**Rua Passos Manuel, 209
Telefone 4 065**

Stadium

Na "Bola" da Lotaria
prefira o único

C A M P I ã O

Rua do Amparo, 116 — LISBOA

FILIAIS EM:

PORTO — Praça da Liberdade, 25

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 80

FARO — Rua D. Francisco Gomes, 43

Preço
2,00